

# POPULISMO LGBTIFÓBICO

## *LGBTIFOBIC POPULISM*

Gabriel Dil<sup>I</sup>

Leonel Severo Rocha<sup>II</sup>

Bianca Neves de Oliveira<sup>III</sup>

<sup>I</sup> Universidade do Vale do Rio dos Sinos, São Leopoldo, RS, Brasil. E-mail: gabrieldil@icloud.com

<sup>II</sup> Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões, Santo Ângelo, RS, Brasil. E-mail: lsrocha@san.uri.br

<sup>III</sup> Universidade de Passo Fundo, RS, Brasil. E-mail: biancanevesoliveira2020@gmail.com

**Resumo:** O populismo é um conceito polissêmico, e a sua cultura política caracteriza-se por ser caracteristicamente pioneira em reconhecer e usar as emoções na política, ultrapassando as técnicas tradicionais de sedução. A perspectiva populista, é influenciada pela filosofia de Carl Schmitt, e a vontade geral coloca a supremacia da vitória do povo sobre seus inimigos. Esta abordagem nega o pluralismo e a deliberação, e centra-se na adesão a uma oferta política estabelecida e na homogeneidade e unanimidade do povo. Uma das últimas tendências no populismo contemporâneo é uma expansão do discurso e das políticas LGBTIfóbicas. Depois de décadas liderando a luta para expandir os direitos LGBTI+, a Europa e as Américas se tornaram o cenário de uma reação política contra essas conquistas. Esse contramovimento reacionário é liderado por populistas de extrema-direita que, por conveniência, formaram alianças com fundamentalistas religiosos. Dessa forma, o populismo LGBTIfóbico tem como tendência a adoção de um discurso que utiliza das ansiedades sexuais e do pânico moral das massas como estratégia eleitoreira e de governança, considerando que há a instrumentalização desses espantalhos morais, aproveitando-se do preconceito secular para escolher a população LGBTI+ como bode expiatório. A performance do discurso LGBTIfóbico apresenta o populista de extrema-direita como guardião da família cis-heteronormativa, com ideias reacionárias que mobilizam o eleitorado pelo medo de que os avanços emancipatórios por dignidade da população LGBTI+ maculariam a integridade das famílias até então compreendidas como “tradicionais”.

**Palavras-chave:** Ciência Política; Comunidade LGBTI+; Extrema-direita; Fundamentalismo religioso; Populismo LGBTIfóbico.

DOI: <https://doi.org/10.31512/rdc.v19i48.1953>

Recebido em: 04.09.2024

Aceito em: 20.11.2024

**Abstract:** Populism is a polysemic concept, and its political culture is characteristically pioneering in recognizing and using emotions in politics, going beyond traditional seduction techniques. The populist perspective is influenced by the philosophy of Carl Schmitt, and the general will



Esta obra está licenciada com uma Licença Creative Commons Atribuição-NãoComercial-SemDerivações 4.0 Internacional.

places the supremacy of the people's victory over their enemies. This approach denies pluralism and deliberation, and focuses on adherence to an established political offer and the homogeneity and unanimity of the people. One of the latest trends in contemporary populism is an expansion of LGBTIphobic discourse and policies. After decades of leading the fight to expand LGBTI+ rights, Europe and the Americas have become the scene of a political backlash against these achievements. This reactionary counter-movement is led by far-right populists who, for convenience, have formed alliances with religious fundamentalists. In this way, LGBTIphobic populism tends to adopt a discourse that uses the sexual anxieties and moral panic of the masses as an electoral and governance strategy, considering that there is the instrumentalization of these moral scarecrows, taking advantage of secular prejudice to choose the LGBTI+ population as a scapegoat. The performance of the LGBTIphobic discourse presents the far-right populist as the guardian of the cis-heteronormative family, with reactionary ideas that mobilize the electorate out of fear that emancipatory advances for the dignity of the LGBTI+ population would tarnish the integrity of families hitherto understood as "traditional".

**Keywords:** Far-right; LGBTI+ Community; LGBTIphobic Populism; Political science; Religious fundamentalism;

## 1 INTRODUÇÃO

Inicialmente, como nota introdutória, é necessário classificar o populismo como um produto da democracia, ao encontro do que conceitua o historiador e cientista político francês, Pierre Rosanvallon. Em um primeiro momento, aproxima-se da compreensão majoritária dos cientistas políticos que definem os movimentos populistas com base em suas atitudes em relação ao regime político e, especificamente, a três dos componentes do regime, quais sejam: a) o eleitorado; b) as instituições de freios e contrapesos; e c) a classe do conhecimento.

Na sequência, trata-se do populismo enquanto um discurso apaixonado e sedutor, que Ernesto Laclau<sup>1</sup> enfatiza o papel de um inimigo comum e o uso das emoções para mobilizar a ação política. Os movimentos populistas veem uma barreira intransponível entre "eles" e "nós", e a valorização da figura de um "homem-povo".

Ao longo desta pesquisa, não se está a negar que a performance populista está presente em todos os espectros políticos, mas há uma diferença colossal entre o conteúdo explorado no discurso populista de extrema-direita e no discurso populista de esquerda. Após a virada do século XX para o século XXI, as grandes democracias das Américas e Europa foram palco de grandes conquistas para a população LGBTI+.

---

1 LACLAU, Ernesto. Populism: What's in a Name. **Populism and the Mirror of Democracy**, p. 103-114, 2005.

E com isso, houve um despertar, sociologicamente chamado de contramovimento, que rechaça todo e qualquer avanço que garanta avanços emancipatórios à populações historicamente marginalizadas, como é o caso da população LGBTI+.

Eis que surge o populismo LGBTIfóbico, majoritariamente produzido e promovido por lideranças políticas de extrema-direita, aliados com o fundamentalismo religioso secular, que utiliza o discurso de ódio, o pânico moral e as paixões das massas para atrair eleitores/seguidores fiéis, em uma dinâmica altamente autoritária de rechaço aos direitos fundamentais das minorias.

## 2 A POLISSEMIA CONCEITUAL DO POPULISMO

Assim como grande parte dos conceitos básicos da ciência-política, o “populismo”, é um conceito polissêmico, cujo sentido varia de acordo com as ideologias e/ou circunstâncias de determinados grupos, podendo ser apreciado de forma positiva ou negativa.<sup>2</sup>

A flutuação semântica, a imprecisão e a evidência intuitiva são elementos que integram o termo “populismo”. Paradoxalmente, o “populismo” quase sempre vem acoplado com uma conotação pejorativa e negativa, apesar de derivar positivamente daquilo que fundamenta positivamente a vida democrática.<sup>3</sup>

O signo “populismo”, é carregado por um significado também enganoso, quando percebido sob uma única rotulagem, considerando que se trata de um conjunto complexo de transformações políticas atuais, cujas separações de mecanismos subjacentes devem ser feitas. Não se pode utilizar a mesma expressão para descrever diferentes realidades políticas e sociais, pois se estaria incorrendo numa percepção simplista e confusa.<sup>4</sup>

Embora se esteja atento ao conjunto dinâmico de significados sob o termo “populismo”, esse fato não é óbice para renunciar o seu uso. Pelo contrário, pois, em verdade, na sua própria “confusão”, provou-se indispensável, uma vez que aparece em todos os discursos e em tudo o que é escrito, apesar das reservas já arguidas, é também porque, de forma imprecisa e confusa ao mesmo tempo, a expressão atendeu a necessidade de utilizar uma nova linguagem para qualificar uma dimensão inédita do ciclo político que começou no início do século XXI.<sup>5</sup>

Ciclo político, caracterizado, por um lado, como uma expectativa social urgente de revitalização do projeto democrático, já que redescobre o caminho de uma soberania mais ativa do povo, enquanto por outro, é percebido como o temor da desestabilização desse mesmo projeto. Também, o termo acabou sendo reivindicado por políticos responsáveis que, no intento de condenar a oposição, o utilizam para fins de denúncia.<sup>6</sup>

De acordo com ROSANVALLON<sup>7</sup>, o problema é que muitos estudos sobre o populismo, cujo número cada vez é maior, estão concentrados em desvendar as motivações dos votos populistas para explicar sua expansão global. Utilizando-se de mecanismos da sociologia

2 LYNCH, Christian; CASSIMIRO, Paulo Henrique. **O populismo reacionário: ascensão e legado do bolsonarismo**. São Paulo, SP: Editora Contracorrente, 2022. p. 14.

3 ROSANVALLON, Pierre. **El siglo del populismo: Historia, teoría, crítica**. Traducción de Irene Agoff. Barcelona: Editora Galaxia Gutenberg, 2020. p. 11.

4 ROSANVALLON, Pierre. **El siglo del populismo: Historia, teoría, crítica**. p. 11.

5 ROSANVALLON, Pierre. **El siglo del populismo: Historia, teoría, crítica**. p. 11-12.

6 ROSANVALLON, Pierre. **El siglo del populismo: Historia, teoría, crítica**. p. 12.

7 ROSANVALLON, Pierre. **El siglo del populismo: Historia, teoría, crítica**. p. 12.

eleitoral e da ciência política, essas pesquisas descrevem as populações envolvidas, seus valores, suas percepções da vida política e instituições, bem como suas condições de vida e trabalho em diferentes perspectivas.

Esses trabalhos de pesquisa apresentam o perfil de uma sociedade que tem traços comuns em muitos países, incluindo pessoas que vivem em regiões distantes das grandes cidades e sofrem com a decadência industrial, podendo ser identificadas como “vítimas” da globalização, com renda e escolaridade abaixo da média. Ainda, há também populações insatisfeitas, que são caracterizadas de maneira mais subjetiva pelo ressentimento em relação a um sistema em que as fazem sentir desprezadas e invisíveis, temerosas pela perda de sua identidade devido à abertura para o “mundo” e a chegada de imigrantes, por exemplo.<sup>8</sup>

Não há como limitar a compreensão global do fenômeno do “populismo” o reduzindo a um simples sintoma de outros fatores que seriam o verdadeiro objeto de atenção como, a decadência dos partidos políticos, a desconexão entre a classe política e a sociedade ou até mesmo com a desapareção da “tradicional” divisão entre a direita e a esquerda, ambas incapazes de lidar com as urgências do presente.<sup>9</sup>

Há uma tendência de associar o populismo apenas ao seu aspecto de protesto, mas isso não permite avaliá-lo adequadamente. Embora essa dimensão seja inegável, o populismo também representa uma proposta política concreta, com sua própria coerência e força positiva. A ligação automática do populismo a figuras políticas do passado, especialmente à extrema-direita, também leva a subestimá-lo. O fenômeno evoluiu e existe também um populismo que se diz de esquerda. As tipologias frequentemente propostas para categorizar o populismo têm limitações, pois descrevem apenas variações particulares (direita e esquerda, graus de autoritarismo, diferenças em políticas econômicas, etc.). Uma tipologia pode acabar encaixando cada caso em uma categoria específica.<sup>10</sup>

O populismo é caracterizado por uma falta de análise clara e precisa. Embora tenha ganhado importância na cena política, ainda não foi formalmente teorizado ou desenvolvido. Diferentemente de outras grandes ideologias da modernidade, que foram associadas a obras de magnitude comparável e elaboradas teorias, o populismo ainda não foi vinculado a nenhuma obra teórica significativa. Isso torna difícil entender a natureza do populismo e avaliar suas consequências. Além disso, o populismo é atraente para eleitores mais sensíveis a gritos raivosos e denúncias vingativas do que a argumentos teóricos, o que pode explicar a falta de teorização.<sup>11</sup>

Nesse sentido, apresenta-se os cinco aspectos fundamentais da cultura política do populismo: a) concepção do povo; b) teoria da democracia; c) forma de representação; d) política e filosofia da economia; e) um regime de paixões e emoções. A compreensão do povo baseada na separação entre “eles” e “nós” é o tópico que aborda a tensão entre o povo como corpo civil e o povo como corpo social, e, em segundo lugar, refere-se a como o termo “povo” adquire nova relevância na era da individualidade única. Já a teoria democrática populista se baseia em três elementos: valorização da democracia direta (representada pela importância do referendo), visão

8 ROSANVALLON, Pierre. **El siglo del populismo: Historia, teoría, crítica**. p. 13.

9 ROSANVALLON, Pierre. **El siglo del populismo: Historia, teoría, crítica**. p. 13.

10 ROSANVALLON, Pierre. **El siglo del populismo: Historia, teoría, crítica**. p. 13.

11 ROSANVALLON, Pierre. **El siglo del populismo: Historia, teoría, crítica**. p. 14-15.

polarizada da soberania do povo que rejeita intermediários e procura controlar instituições não eleitorais, e concepção da vontade geral como expressão espontânea.<sup>12</sup>

A concepção populista de representação valoriza a figura de um “homem-povo” que tem a capacidade de encarnar e corrigir a má representação atual. O protecionismo nacional é uma parte importante da ideologia populista, que vai além da política econômica e está enraizado em uma visão de soberania de reconstrução da vontade política e segurança da população. A economia é vista como política e a cultura política do populismo está ligada à mobilização de emoções e paixões importantes.<sup>13</sup>

O populismo foi pioneiro em reconhecer e usar as emoções na política, ultrapassando as técnicas tradicionais de sedução. Como o tipo ideal do populismo foi desenvolvido a partir desses cinco elementos, ele é a base para entender a diversidade dos populismos existentes, com uma ênfase especial na distinção entre populismo de esquerda e de direita.<sup>14</sup>

Os movimentos populistas têm em comum a ideia de que o povo é a figura central da democracia e que é o soberano em um regime democrático. No entanto, há questões sobre quem é esse “povo” no poder. A invocação do povo tem sido sempre incerta, variando entre uma referência ao povo como uma entidade política, expressão de uma unidade, e ao povo como uma parte específica da população. Quando os americanos assinaram a Declaração de Independência com a frase “Nós, o povo”, eles estavam pensando na primeira definição. Os revolucionários franceses também seguiram essa mesma linha ao associarem a ideia do povo e da nação. Esse povo respondia a uma filosofia política ou uma constituição antes de ter uma existência concreta, sendo de fato limitado a um corpo eleitoral raramente unânime.<sup>15</sup>

Em 1789, quando se falava sobre o povo que havia tomado a Bastilha, referia-se também a uma multidão com uma aparência distinta. Essas pessoas se reuniam para comemorar ou protestar, tornando-se uma manifestação específica do povo. Escritores como Michelet e Victor Hugo descreveram esse povo social como pessoas humildes e necessitadas. Era preciso falar sobre esse povo, colocá-lo em evidência, para defini-lo e prestigiá-lo através de histórias individuais.<sup>16</sup>

O povo social adotará então o nome de proletariado, classe operária ou “classes populares” (plural que remete à comprovada complexidade da estrutura social). Esta “linguagem” de classe particularizava seu sentido. Mas tal redução era corrigida pelos dados estatísticos da importância de um mundo operário possuidor de uma sólida identidade. E ainda mais quando a doutrina marxista via na classe operária uma figura da qual nasceria um novo universalismo, aquele da sociedade sem classes. Estes dois povos, o povo-classe e o povo-corpo cívico, não coincidiam, mas eram integrados em uma única narrativa e uma única visão do estabelecimento de uma democracia entendida simultaneamente como regime e forma de sociedade. Esta perspectiva perdeu seus contornos de duas formas ao chegar o século XXI.<sup>17</sup>

Primeiro, com a atrofia de um corpo eleitoral caracterizado por uma taxa crescente de abstenção, expressão de rejeição aos partidos tradicionais e de um sentimento de má representação; atrofia ligada igualmente ao declínio da performance democrática em matéria de expressão

12 ROSANVALLON, Pierre. **El siglo del populismo: Historia, teoría, crítica**. p. 15.

13 ROSANVALLON, Pierre. **El siglo del populismo: Historia, teoría, crítica**. p. 15-16.

14 ROSANVALLON, Pierre. **El siglo del populismo: Historia, teoría, crítica**. p. 16.

15 ROSANVALLON, Pierre. **El siglo del populismo: Historia, teoría, crítica**. p. 25.

16 ROSANVALLON, Pierre. **El siglo del populismo: Historia, teoría, crítica**. p. 25.

17 ROSANVALLON, Pierre. **El siglo del populismo: Historia, teoría, crítica**. p. 26.

eleitoral. Segundo, em termos sociológicos, devido tanto à individualização do social como à uma transformação das condições de vida e de trabalho que traçavam modalidades inéditas de exploração, marginalização e dominação. Mudanças muito pouco descritas que reforçaram, na maioria dos países, o sentimento de má representação e de invisibilidade para uma parte crescente da população. Foi neste contexto que a noção de povo dos populistas foi formada, que propunha uma evocação supostamente mais adequada do presente e se inseria em uma perspectiva mobilizadora de renovação democrática.<sup>18</sup>

O projeto populista de revitalização da democracia, trazendo de volta a ideia do povo como força central, baseia-se em ignorar o conceito tradicional de classe social. Ernesto Laclau e Chantal Mouffe<sup>19</sup>, dois proeminentes defensores do populismo de esquerda, perceberam que a propriedade dos meios de produção e a exploração não eram mais os únicos fatores determinantes da divisão social. Hoje, novos fatores como relações de gênero, desigualdades territoriais e discriminação são igualmente importantes. O objetivo do populismo é unir as pessoas e provocar mudanças, dividindo a sociedade entre os que têm poder e os que não têm. Sem uma nova vontade coletiva, não pode haver populismo.<sup>20</sup>

Em suma, a teoria do populismo de Laclau enfatiza o papel de um inimigo comum e o uso das emoções para mobilizar a ação política. Os movimentos populistas veem uma barreira intransponível entre “eles” e “nós”, alimentada pela falta de empatia e humanidade da elite, e justificando a legítima expressão de ódio contra eles.<sup>21</sup>

O conceito de “povo” fornece uma linguagem para os cidadãos expressarem seus sentimentos e experiências, o que os conceitos sociológicos tradicionais e as categorias estatísticas não conseguem fazer. O termo é indeterminado e aberto à experiência individual, tornando-o útil para a identidade coletiva em uma sociedade de indivíduos. No entanto, o uso do termo também pode levar à demonização de adversários políticos e à desqualificação moral. Os movimentos populistas procuram restaurar um sentido de unidade e consistência ao conceito de “povo”, reduzindo a tensão entre os aspectos cívicos e sociais do termo. A revitalização da democracia e a melhoria das condições de vida são vistas como dependentes do afastamento de um pequeno grupo de inimigos do povo, como a elite ou os oligarcas.<sup>22</sup>

Os populismos procuram regenerar a democracia criticando as democracias liberal-representativas existentes, que visam impedir a tirania da maioria e priorizar a integridade e a autonomia individuais. Os populistas propõem uma alternativa a essa concepção, criticando a democracia liberal como incompatível com o princípio da soberania coletiva. Os populistas priorizam a democracia direta, a democracia polarizada e enfatizam a expressão popular espontânea. Essa visão está ligada à estigmatização de visões sociais individualistas e focadas em minorias e à teorização do iliberalismo como condição para uma democracia mais autêntica. Exemplos de líderes populistas incluem Viktor Orbán e Vladimir Putin.<sup>23</sup>

Na França, foi em meados da década de 1980, no início de sua ascensão eleitoral, que a Frente Nacional elevou a extensão dos processos de referendo ao status de - entre outras coisas -

18 ROSANVALLON, Pierre. **El siglo del populismo: Historia, teoría, crítica**. p. 26.

19 MOUFFE, Chantal. **For a Left Populism**. London: Verso. 2018.

20 ROSANVALLON, Pierre. **El siglo del populismo: Historia, teoría, crítica**. p. 26-27.

21 ROSANVALLON, Pierre. **El siglo del populismo: Historia, teoría, crítica**. p. 28.

22 ROSANVALLON, Pierre. **El siglo del populismo: Historia, teoría, crítica**. p. 29-30.

23 ROSANVALLON, Pierre. **El siglo del populismo: Historia, teoría, crítica**. p. 32-33.

uma questão central de campanha. Jean-Marie Le Pen qualificou o referendo como “a expressão mais perfeita da democracia” e pediu o estabelecimento de um tipo específico de “referendo de veto” que permitiria ao povo “se opor à promulgação de leis sancionadas pelo Parlamento, as quais o povo desaprovava.” Movimentos populistas posteriormente adotaram essa abordagem para a democracia direta, vendo-a como uma ferramenta eficaz para remover elites corruptas e incapazes. A ratificação parlamentar do Tratado de Lisboa implicou o desrespeito do referendo de 2005 sobre a Constituição Europeia, que muito influenciou o espírito francês. O uso de referendos também foi observado em regimes populistas ao redor do mundo como meio de estabelecer legitimidade e aumentar o poder executivo.<sup>24</sup>

Os populistas tendem a ver o judiciário como uma ameaça à democracia e procuram limitar sua independência, muitas vezes reduzindo os poderes dos tribunais constitucionais. Isso aconteceu em países como Hungria, Polônia, Bolívia, Venezuela, Turquia e Rússia. Os populistas tendem a enfatizar a importância dos processos democráticos diretos e muitas vezes veem o judiciário como um obstáculo à vontade do povo. No entanto, essa visão é criticada por simplificar demais a natureza da democracia e negligenciar a importância de instituições independentes.<sup>25</sup>

A perspectiva populista, influenciada pela filosofia de Carl Schmitt<sup>26</sup>, e a vontade geral como evidência da vitória do povo sobre seus inimigos. Esta abordagem nega o pluralismo e a deliberação, e centra-se na adesão a uma oferta política estabelecida e na homogeneidade e unanimidade do povo. Os movimentos populares não têm democracia interna e rechaçam a influência dos meios de comunicação, considerando-os ilegítimos e perturbadores da expressão da vontade geral.<sup>27</sup>

O populismo exalta um povo unido por sua rejeição às elites e aos partidos políticos acusados de defender seus próprios interesses e de terem perdido qualquer caráter representativo. Os movimentos populistas diferem estruturalmente dos partidos por pretenderem reunir toda a sociedade, mas deparam-se com o caráter cada vez mais nebuloso de um povo de quem querem ser os arautos. A decadência dos partidos políticos está em parte ligada a uma sociedade mais fragmentada e, neste contexto, a mensagem populista encontrou eco favorável, mas o seu discurso de denúncia não é suficiente para colmatar o déficit de representação que caracteriza as democracias contemporâneas. O líder desempenha um papel fundamental em dar coerência e carne sensível a essa mensagem.<sup>28</sup>

O populismo latino-americano surgiu em países pouco industrializados, com dominação oligárquica e latifúndio, e se caracterizou pela oposição entre o povo e as elites. O líder colombiano Jorge Eliécer Gaitán e seu tema do homem-povo, insistentemente dito nas décadas de 1930 e 1940, deram o tom do populismo posterior em todo o continente. Gaitán assistiu aos comícios de Mussolini e reconheceu-se impressionado pela sua capacidade de dominar o seu público e de

24 ROSANVALLON, Pierre. **El siglo del populismo: Historia, teoría, crítica**. p. 33-34.

25 ROSANVALLON, Pierre. **El siglo del populismo: Historia, teoría, crítica**. p. 35-36.

26 SCHMITT, Carl. **The Concept of Political**. Trad. George Schwab. Chicago: Chicago University Press, 2007, 126p.

27 ROSANVALLON, Pierre. **El siglo del populismo: Historia, teoría, crítica**. p. 36-37.

28 ROSANVALLON, Pierre. **El siglo del populismo: Historia, teoría, crítica**. p. 40-41.

mobilizar a energia das multidões. A ideia de uma representação espelhada renasceu na fórmula de Hugo Chávez durante a campanha para a eleição presidencial de 2012 na Venezuela.<sup>29</sup>

O populismo é uma corrente política que se caracteriza por identificar o povo como ator coletivo, construindo uma vontade coletiva baseada em demandas heterogêneas, e requer a figura de um líder que possa representar sua unidade. O líder populista não existe como tal se não encarnar efetivamente a vida e as demandas dos representados, se não exibir um poder real de corporificação. Neste caso, pode-se dizer que é idealmente um líder despersonalizado, um puro representante, uma figura totalmente absorvida em sua funcionalidade, a mil léguas da expressão de algum culto à personalidade e com a relação de dominação que isso implica. No entanto, para o populismo de extrema-direita, a relação entre o povo e o líder é altamente autoritária.<sup>30</sup>

A história das economias modernas está ligada à expansão do comércio nacional e internacional e à desterritorialização das economias. Embora a especialização produtiva e as economias de escala tenham impulsionado o livre comércio, desde o século XIX houve dúvidas sobre seus benefícios. Países como França, Alemanha e Estados Unidos adotaram o protecionismo por razões sociais, políticas e econômicas. A alternância entre protecionismo e livre comércio continua sendo um tema de debate, atualmente abordado de forma pragmática. O protecionismo também é defendido por movimentos populistas, que o veem como uma questão de soberania, igualdade e segurança.<sup>31</sup>

A perspectiva protecionista vê o livre comércio e a globalização não apenas com base em seus benefícios econômicos e sociais, mas como uma ameaça à vontade política, pois transferem o poder para mecanismos anônimos e excluem a possibilidade de soberania popular. As críticas populistas à Comunidade Europeia e à globalização levaram ao sucesso do Brexit na Grã-Bretanha e são a pedra angular da concepção populista de vontade política. O protecionismo populista também aborda a questão da imigração, que é vista como um processo imposto pelas classes dominantes sem validação democrática, levando ao declínio e enfraquecimento das classes populares indígenas. Assim, o protecionismo é visto como um reforço da soberania popular nas questões econômicas e sociais.<sup>32</sup>

Existem duas maneiras de entender justiça e igualdade. Uma é concebê-las em termos de compreensão das posições relativas dos indivíduos, como as diferentes categorias de desigualdades que os caracterizam em termos de renda, riqueza e oportunidades. O objetivo é distinguir entre diferenças que podem ser justificáveis e aquelas que devem ser mitigadas por meio de políticas fiscais, redistribuição ou desenvolvimento pessoal de capital humano. A outra maneira é considerar a igualdade como uma qualidade de um relacionamento entre indivíduos ou como uma qualidade de uma comunidade humana. Essas duas dimensões são inseparáveis e vinculadas a certas instituições e políticas específicas que lhes dão consistência.<sup>33</sup>

A abordagem populista desse imperativo de igualdade é caracterizada por dois aspectos principais. Em primeiro lugar, polariza a distância entre 1% e 99% em termos de igualdade distributiva, tendendo a minimizar as outras manifestações de desigualdade dentro do 99%,

29 ROSANVALLON, Pierre. **El siglo del populismo: Historia, teoría, crítica**. p. 41-42.

30 ROSANVALLON, Pierre. **El siglo del populismo: Historia, teoría, crítica**. p. 43-44.

31 ROSANVALLON, Pierre. **El siglo del populismo: Historia, teoría, crítica**. p. 46-47.

32 ROSANVALLON, Pierre. **El siglo del populismo: Historia, teoría, crítica**. p. 47-48.

33 ROSANVALLON, Pierre. **El siglo del populismo: Historia, teoría, crítica**. p. 49.

embora este grupo esteja longe de ser homogêneo. Em segundo lugar, enfatiza fortemente a dimensão cívica ou societal da igualdade, que muitas vezes é relegada pelas abordagens dominantes da questão. No entanto, faz isso de uma maneira específica, valorizando as noções de identidade e homogeneidade para descrever a constituição de uma “boa sociedade” que compõe uma nação democrática. Essa visão da igualdade está ligada à concepção nacional-protecionista da economia, que pressupõe a existência de uma entidade bem constituída que precisa ser defendida, e a noção de igualdade é confundida com a inclusão em um todo homogêneo. Nesse caso, o sentimento de igualdade é alimentado pela necessidade constante de revitalizar essa distância, o que contribui para relativizar as desigualdades “internas” e considerá-las como essencialmente derivadas da globalização, da extensão do domínio do mercado, da crescente mobilidade dos indivíduos, da exacerbação da competição e da valorização liberal das diferenças resultantes.<sup>34</sup>

A construção de muros ou cercas em fronteiras é uma forma de afirmar a soberania sobre um território e está ligada a políticas de segurança. A ideia de manter estrangeiros e “indesejáveis” fora do país está relacionada a uma visão ampla de segurança como forma de distanciar populações consideradas perigosas para a coesão nacional. A noção de insegurança cultural amplia essa concepção, incentivando a rejeição de ideologias consideradas ameaçadoras para a identidade do povo, como no caso de populações muçulmanas. Portanto, para o populismo, independência significa também a defesa da identidade e homogeneidade, sendo o nacional-protecionismo um eixo central de sua cultura política.<sup>35</sup>

### 3 O POPULISMO COMO UMA PERFORMANCE DAS PAIXÕES E AS PROVAÇÕES DA VIDA

As paixões sempre foram vistas com desconfiança por serem consideradas uma possível ameaça. Dotadas da capacidade de afetar o julgamento, de alterar o comportamento, de prejudicar as relações com outras pessoas e de transformar um grupo de indivíduos racionais em uma multidão descontrolada e, às vezes, criminosa.

A literatura sobre o assunto é extensa, abrangendo desde os grandes filósofos clássicos até os psicólogos sociais contemporâneos. No entanto, recentemente ocorreram mudanças significativas. Primeiramente, na linguagem, o termo “paixão”, que anteriormente era associado a um certo excesso, foi sendo substituído pelo termo mais neutro e delicado de “afeto” ou de “emoção”, que é mais pessoal. Posteriormente, no âmbito intelectual, o estudo das emoções passou a ser objetivado e considerado como uma variável importante da ação humana. Por isso, tem-se falado sobre uma “mudança afetiva” ou “mudança emocional” nas ciências sociais, especialmente na ciência política.<sup>36</sup>

Nietzsche – de forma inaugural – propôs o questionamento da distinção entre o sensível e o inteligível, recusando o dualismo habitual. Atualmente, a oposição tradicional entre as paixões e a razão, ou entre as paixões e os interesses, é fortemente modulada. Na área das ciências sociais, Norbert Elias delineou uma abordagem unificada da sociologia e da psicologia, incluindo as emoções e as razões objetivas na ordem dos fatos sociais.<sup>37</sup>

34 ROSANVALLON, Pierre. *El siglo del populismo: Historia, teoría, crítica*. p. 50.

35 ROSANVALLON, Pierre. *El siglo del populismo: Historia, teoría, crítica*. p. 50-51.

36 ROSANVALLON, Pierre. *El siglo del populismo: Historia, teoría, crítica*. p. 53.

37 ROSANVALLON, Pierre. *El siglo del populismo: Historia, teoría, crítica*. p. 53.

Nesse sentido, Norbert Elias chamou a atenção para redefinição do conceito de natureza no contexto humano, afirmando que as emoções também se originam de aprendizados e de uma acumulação de experiências incorporadas a disposições naturais. Atualmente, as ciências cognitivas têm validado essas percepções. Nas ciências cognitivas - conforme indicado por Stanislas Dehaene - não se faz mais a distinção entre cognição e emoção.

Acredita-se que as emoções são cálculos específicos destinados a indicar perigos ou oportunidades úteis ao organismo e que mobilizam todo o corpo. Por sua vez, historiadores têm destacado por muito tempo o papel mobilizador das emoções e paixões na história. Recentemente, também ressaltaram a “razão sensível” subjacente a elas. Em determinados episódios revolucionários, os amotinados da fome eram frequentemente guiados por suas experiências vividas, enquanto os governantes não viam nada em suas estatísticas. Essa revisão do lugar e da natureza das emoções no julgamento e na ação também se manifestou no campo da economia comportamental.<sup>38</sup>

Daniel Kahneman, laureado com o Prêmio Nobel de Economia, resumiu suas contribuições ao afirmar que os seres humanos têm duas maneiras de analisar a realidade e reagir, cada uma com suas especificidades e utilidades. Por um lado, há o produto de um “sistema 1”, muito rápido, baseado em impressões e intuições, que procede com base em uma síntese global e instintiva de informações e avaliações acumuladas. Por outro lado, há o que procede do funcionamento do “sistema 2”, mais lento, que analisa metodicamente os dados e pondera os argumentos.<sup>39</sup>

A complexidade e difração do social requerem a reabilitação das emoções em vez de depender de categorias gerais e estatísticas e ideologias estruturadas para capturar a realidade. A singularidade tornou-se essencial num mundo onde a incerteza e a variabilidade das situações são decisivas na caracterização da vida dos indivíduos. A análise das emoções e paixões populistas deve situar-se neste contexto, onde as emoções de posição, intelectão e ação têm consequências políticas específicas.<sup>40</sup>

A inteligência dos movimentos populistas está em ter compreendido o papel desempenhado por essas diferentes categorias de emoções. Philippe Braud, cumpriu um papel pioneiro na França ao introduzir a apreensão das emoções nas análises dos comportamentos políticos, concedendo, ao mesmo tempo, todo o espaço para essas emoções na expressão política.

Por outro lado, a vida real dos franceses não pode ser compreendida apenas por meio de teorias ou estatísticas, pois os principais movimentos sociais recentes não foram esclarecidos por estudos sobre as estruturas globais da sociedade e as fraturas territoriais. Pesquisas de opinião também falharam em decifrar as expectativas, raivas e medos que fundamentam as divisões políticas. Nesse sentido, Pierre Rosanvallon propõe ferramentas para analisar a vida real dos franceses de uma perspectiva mais subjetiva, considerando como eles percebem sua situação pessoal e o estado da sociedade, bem como os desafios que enfrentam.<sup>41</sup>

38 ROSANVALLON, Pierre. **El siglo del populismo: Historia, teoría, crítica**. p. 54.

39 ROSANVALLON, Pierre. **El siglo del populismo: Historia, teoría, crítica**. p. 54.

40 ROSANVALLON, Pierre. **El siglo del populismo: Historia, teoría, crítica**. p. 55.

41 ROSANVALLON, Pierre. **Les épreuves de la vie: comprendre autrement les Français**. Paris: Editora Seul, 2021. Edição via Kindle. p. 09.

A noção de provação tem duplo sentido: sofrimento e dificuldade da existência, e a forma como as pessoas compreendem e criticam o mundo. Aliás, pode-se distinguir três tipos de provações:

I) Provações de individualidade e integridade pessoal: são aquelas que desumanizam homens e mulheres, afetam seu eu profundo e podem ameaçar psíquica e fisicamente suas vidas. Incluem assédio, violência sexual, exercício de controle sobre os outros, manipulação ou pressão que pode levar ao burnout. São, em essência, patologias do relacionamento individual que ocorrem em um confronto devastador. No entanto, também têm uma dimensão sistêmica quando se relacionam, por exemplo, com a longa história da dominação masculina ou certos modos de organização do trabalho. A sensibilidade a essas provações tem aumentado constantemente em uma sociedade cada vez mais atenta aos direitos das pessoas, como mostram os acontecimentos recentes. A evolução consequente do direito penal levou à criminalização mais sistemática desses atos e ao agravamento das sanções a eles relacionadas, chegando até mesmo a considerar a imprescritibilidade para casos de incesto.<sup>42</sup>

II) Provações do vínculo social: Embora tenham um impacto individual, referem-se a hierarquias ou formas de dominação com uma dimensão coletiva. Podemos distinguir aqui as três provações do desprezo, da injustiça e da discriminação. Nestes três casos, trata-se de patologias da igualdade, no sentido de que essas provações destacam os obstáculos que se colocam à construção de uma sociedade de semelhantes. Também são situações percebidas como intoleráveis em um mundo onde a atenção às singularidades e ao valor intrínseco de cada indivíduo se tornou uma exigência democrática elementar.<sup>43</sup>

III) Provações da incerteza: possuem um duplo caráter. Primeiro, estão relacionadas à situação resultante do desgaste da noção de risco para caracterizar os problemas sociais e seu modo de tratamento pelo seguro. Cada vez mais situações de precariedade ou pobreza são resultado de “falhas na existência” ou eventos fortuitos que não se enquadram mais nos mecanismos de tratamento tradicionais do Estado de bem-estar social.<sup>44</sup>

O aumento do sentimento de incerteza em uma época em que as revoluções econômicas tornam o futuro ainda mais imprevisível. Além disso, as novas ameaças à humanidade relacionadas ao desequilíbrio climático ou às pandemias, bem como as incertezas geopolíticas, pesam sobre todas as existências. Estes são os diferentes tipos de desafios que constituem o coração da preocupação das pessoas.<sup>45</sup>

As questões do poder de compra ou do aumento das desigualdades ainda são claramente percebidas como centrais. No entanto, permanece o sentimento vago de que se trata de problemas que fazem parte de um sistema que pode ser denunciado, mas cujas condições concretas de mudança nem sempre são percebidas. Daí a atmosfera contemporânea de desencanto político: não se acredita mais em uma revolução que instaure uma ordem radicalmente nova e domina uma atmosfera de impotência.<sup>46</sup>

Os franceses não se tornaram passivos. Eles nunca manifestaram tanto, peticionaram ou trocaram. Mas sua atenção se concentrou mais na confrontação com esses desafios cujos efeitos

42 ROSANVALLON, Pierre. **Les épreuves de la vie: comprendre autrement les Français.** p. 09-10.

43 ROSANVALLON, Pierre. **Les épreuves de la vie: comprendre autrement les Français.** p. 10.

44 ROSANVALLON, Pierre. **Les épreuves de la vie: comprendre autrement les Français.** p. 10.

45 ROSANVALLON, Pierre. **Les épreuves de la vie: comprendre autrement les Français.** p. 10.

46 ROSANVALLON, Pierre. **Les épreuves de la vie: comprendre autrement les Français.** p. 10.

parecem mais imediatos e mais diretamente sensíveis. Isso é patente se olharmos para a natureza das mobilizações coletivas e da atenção pública nos últimos anos. O movimento #MeToo foi o arquétipo das reações em larga escala às ameaças à integridade individual (das mulheres, neste caso).<sup>47</sup>

Também neste campo se situaram os best-sellers como *La Familia Grande* de Camille Kouchner ou *Le Consentement* de Vanessa Springora, sem mencionar o eco encontrado pela revelação de violências sexuais na Igreja Católica. O caráter inédito da irrupção nos locais públicos e nas praças dos coletes amarelos não pode ser compreendido se não for relacionado à denúncia do desprezo de “os de cima” e da injustiça (entendida como a indiferença da norma tecnocrática à realidade de suas situações vivenciadas) que alimentou sua protesta.<sup>48</sup>

O choque do movimento Black Lives Matter na França, bem como o aumento da denúncia dos controles de identidade por aparência física e os debates sobre o legado colonial também podem ser compreendidos apenas relacionados à maior atenção geral aos fenômenos de discriminação. Se considerarmos ainda os protestos contra o projeto de lei sobre a reforma da aposentadoria, fica claro que além da faísca inicial da resistência dos beneficiários com regimes especiais, é o espectro de uma incerteza generalizada sobre o futuro de cada um que acendeu o incêndio. As mobilizações de jovens pelo clima desde outubro de 2019 também participaram de uma preocupação geracional diante de um futuro ameaçador. O fato central de todos estes movimentos de reação aos diferentes tipos de desafios mencionados contrasta singularmente com a natureza dos grandes movimentos sociais do passado, como a longa greve emblemática de outubro de 1995, limitada a reivindicações sociais na continuidade das lutas sindicais tradicionais.<sup>49</sup>

O fato notável foi, ao contrário, a relativa ausência sindical nos diferentes movimentos mencionados, como se fosse o próprio campo do “social” que se deslocou com eles. É a consideração deste deslocamento que é a origem deste ensaio. Além do deslocamento de objeto operado pelo advento da categoria de desafio que se sobrepôs e muitas vezes substituiu a categoria de interesse de classe para descrever os conflitos que desenham os desafios coletivos de hoje, também é a própria noção de classe que parece ser menos relevante.

Testemunha disso, de sua maneira, o uso cada vez mais frequente do termo “classes populares” em vez de classe trabalhadora. A passagem do singular para o plural é em si mesmo o sinal de uma perplexidade diante de uma complexificação reconhecida do mundo social. Ele mistura uma evidência estatística e uma incerteza sociológica. Os autores das numerosas publicações recentes sobre o assunto falam, portanto, de um mundo social “fragmentado”, “heterogêneo” tão fortes são as diferenças nele, de um “grande corpo desmembrado... cuja organização das partes está sempre em questão”. Na verdade, por trás desta denominação de “classes populares” planeja o que é do ordem de um desconcerto indissociável intelectual e político: a dificuldade em identificar um novo ator central da emancipação social.<sup>50</sup>

47 ROSANVALLON, Pierre. *Les épreuves de la vie: comprendre autrement les Français*. p. 10-11.

48 ROSANVALLON, Pierre. *Les épreuves de la vie: comprendre autrement les Français*. p. 11.

49 ROSANVALLON, Pierre. *Les épreuves de la vie: comprendre autrement les Français*. p. 11.

50 ROSANVALLON, Pierre. *Les épreuves de la vie: comprendre autrement les Français*. p. 11.

Assim, justamente se falou disso como um “desarmamento identitário e político”. Mas se a luta de classes, em seu formato original, se esvaiu, as lutas persistem sob as novas formas dos desafios.<sup>51</sup>

Em Resumo:, o aumento do sentimento de incerteza em um momento de mudanças econômicas que tornam o futuro ainda mais imprevisível tem sido agravado pelas novas ameaças à humanidade, como desequilíbrios climáticos, pandemias e incertezas geopolíticas. Isso é o que constitui o núcleo das preocupações das pessoas.

Embora questões de poder de compra e aumento das desigualdades ainda sejam percebidas como centrais, há também o sentimento difuso de que se trata de problemas que fazem parte de um sistema que pode ser denunciado, mas cujas condições concretas de mudança nem sempre são claras. Isso leva a um clima de descrença política e impotência. No entanto, as pessoas não se tornaram passivas e, na verdade, nunca manifestaram tanto, peticionaram ou trocaram ideias tanto quanto agora.

Em vez disso, sua atenção se concentrou em lidar com esses desafios, cujos efeitos parecem mais imediatos e diretamente sensíveis. Isso é evidenciado pela natureza das mobilizações coletivas e da atenção pública nas últimas décadas. A relativa ausência de sindicatos nos movimentos mencionados sugere uma mudança no campo do “social” e uma perplexidade quanto a uma nova categoria de ator central da emancipação social. A noção de classe também parece menos relevante, o que evidencia uma complexificação do mundo social.<sup>52</sup>

Mas se a luta de classes, em seu formato original, se esvaiu, as lutas persistem sob as novas formas dos desafios. E assim como as lutas produziam as classes, a teoria marxista, pode-se dizer hoje que são os desafios que redesenham o mapa social. O que se propõe aqui, é o exame do confronto com os desafios da vida, a partir da compreensão aprofundada dos motivos que os causam, ele também se concentra apenas nos desafios do vínculo social e da incerteza. De fato, pode-se considerar que os desafios à integridade pessoal já foram amplamente identificados, divulgados, documentados e conceitualizados na era recente, embora a luta para superá-los ainda esteja longe de ser concluída.<sup>53</sup>

Em um dos grandes clássicos da metodologia nas ciências sociais, “A Imaginação Sociológica”, o sociólogo americano Charles Wright Mills chamou a atenção para a distinção entre “desafios individuais” e “questões estruturais”. ROSANVALLON, utiliza essa orientação conceitual para salientar que: Ele visa, em primeiro lugar, enfatizar a importância desses desafios, que, por terem um impacto pessoal, são geradores de reações em forma de emoções, que orientam o comportamento e determinam as relações com outros e com as instituições.<sup>54</sup>

É nessa perspectiva que se deve compreender o papel central que o ressentimento, a indignação, a raiva, a amargura, a ansiedade e a desconfiança desempenham em nossa sociedade. É a consideração dessas emoções que, por sua vez, permite compreender as exigências, expectativas e impaciências dos homens e mulheres de hoje. Essas emoções não são restritas ao interior dos indivíduos, elas também adquirem uma dimensão coletiva ao serem compartilhadas de muitas maneiras. É nesse mesmo espírito que o historiador da classe operária inglesa, Edward Palmer

51 ROSANVALLON, Pierre. **Les épreuves de la vie: comprendre autrement les Français.** p. 12.

52 ROSANVALLON, Pierre. **Les épreuves de la vie: comprendre autrement les Français.** p. 12.

53 ROSANVALLON, Pierre. **Les épreuves de la vie: comprendre autrement les Français.** p. 13.

54 ROSANVALLON, Pierre. **Les épreuves de la vie: comprendre autrement les Français.** p. 13.

Thompson, criou a noção de economia moral para enfatizar a importância dos afetos e das formas de justificação da ação que desencadeiam as rebeliões e constituem a matéria mais imediata de expressão de um coletivo. Essa conceituação tem sido frequentemente lembrada, com razão, para explicar a ação dos Coletes Amarelos.<sup>55</sup>

As comunidades de emoções ou experiências que emergem neste contexto manifestam-se, por exemplo, como “comunidades de leitores” de um livro, “comunidades de seguidores” nas redes sociais, grupos ocasionais de ação ou demonstração, bem como por quaisquer outras formas de proximidade que façam as pessoas ressoarem ou imersas no mesmo banho. São formas de produzir o coletivo sobre modos diferentes daqueles de identidade e pertencimento, que se baseavam em tipos de organizações permanentes das quais os sindicatos eram o arquétipo sociológico e a figura institucionalizada. São os objetos constituintes do comum que, conseqüentemente, são redefinidos, indo muito além da noção de interesse, da qual o interesse de classe era a expressão emblemática em um mundo regido pelas relações de produção e distribuição. Se estes obviamente mantêm sua importância, eles perderam sua centralidade para explicar as relações de dominação no mundo de hoje.<sup>56</sup>

As provas da vida que se está a analisar podem ser consideradas em si mesmas, a partir dos efeitos corrosivos diretos que têm sobre as pessoas envolvidas. Mas só se pode tomar a medida completa deles se considerarmos o sistema que eles formam com as emoções que despertam em troca e as expectativas de mudança que eles induzem. As provações são, de fato, fatos sociais totais que ligam inseparavelmente a realidade e sua representação. O psicológico, o político e o social estão intimamente entrelaçados neles. Levá-los em conta leva a uma compreensão mais dinâmica e profunda de como o mundo funciona. A tabela abaixo fornece uma versão resumida da grade analítica que sustentam as ideias até aqui expostas.<sup>57</sup>

Tabela 1

<b>Tipos de testes</b>	<b>As emoções despertadas em resposta</b>	<b>As conseqüentes expectativas</b>
<b>As provações do desprezo</b>	Humilhação Ressentimento Raiva	Respeito Dignidade
<b>As provações da injustiça</b>	Indignação	A atenção das autoridades às realidades vividas
<b>As provações da discriminação</b>	Amargura Raiva	Reconhecimento Igualdade real de oportunidades
<b>As provações da incerteza</b>	Ansiedade Desconfiança	Segurança Legibilidade

55 ROSANVALLON, Pierre. **Les épreuves de la vie: comprendre autrement les Français.** p. 13-14.

56 ROSANVALLON, Pierre. **Les épreuves de la vie: comprendre autrement les Français.** p. 14.

57 ROSANVALLON, Pierre. **Les épreuves de la vie: comprendre autrement les Français.** p. 14.

Fonte: ROSANVALLON, Pierre. *Les épreuves de la vie: comprendre autrement les Français*. p. 14

Uma das características marcantes dessa abordagem do mundo social através das dificuldades é que elas delineiam um novo internacionalismo. A mobilização por respeito e dignidade contra o desprezo e a humilhação pode ser encontrada, por exemplo, em todos os continentes. Na Síria, as primeiras manifestações contra o regime, organizadas em 2011 nos dias da grande oração, tinham assim sido denominadas “sextas-feiras da dignidade”, “sextas-feiras do orgulho” ou “sextas-feiras dos homens de honra”. De maneira mais geral, seja no mundo árabe, na África, na Ásia ou na Europa, é a arrogância dos poderosos, a corrupção dos governos e a negação de direitos que mais frequentemente derrubam homens e mulheres na rua.

Os movimentos *#MeToo* e *Black Lives Matter*, por sua vez, também deram a volta ao mundo enquanto as ameaças à humanidade aproximam todos os habitantes do planeta. As provações já são, portanto, “a raça humana”!<sup>58</sup>

Se a economia das relações de produção e distribuição e a sociologia dos determinismos sociais mantêm sua relevância para o conhecimento da sociedade, é preciso também forjar novas ferramentas para entendê-la, tanto com suas fontes internas quanto com as capacidades de seus membros de intervir para modificar sua história.

Esta é a direção indicada pela teoria das provas aqui esboçada. Esta reorientação baseada na reavaliação da dimensão subjetiva do mundo social é decisiva para os cidadãos, permitindo-lhes recuperar o controle sobre as suas vidas e romper com o sentimento contemporâneo de impotência. Mas também é politicamente essencial para aqueles que governam, porque se basearem-se apenas nas estatísticas e análises “objetivas” de uma sociedade-sistema, mostram-se incapazes de transformar a realidade e de compreender as suas falhas.

Para os que aspiram a governar, porque só poderão chegar ao poder se compreenderem esta dinâmica constitutiva das adversidades e se mostrarem ansiosos por entrar em ressonância com a paisagem emocional do país que desenha o seu novo horizonte de expectativa. Desenha-se assim à sua maneira um programa de trabalho em diálogo com os “rebotes e explorações” que lhe estão associados como exemplos. Mas, pela natureza de seu objeto, indica também a direção de um projeto político. Abre caminho a um progressismo baseado em fundamentos renovados. Redefine, alargando-o, o campo, os objetivos e os meios de uma política de emancipação.<sup>59</sup>

#### 4 O POPULISMO LGBTIFÓBICO

Uma das últimas tendências no populismo contemporâneo é uma expansão do discurso e das políticas homofóbicas e transfóbicas por líderes desses movimentos. Embora essa tendência seja predominante entre os populistas de extrema-direita, ela ocasionalmente surge entre os populistas de esquerda. A homofobia populista muitas vezes é concebida como uma característica dos valores pessoais dos líderes. Argumenta-se que esses ataques de homofobia e transfobia são mais do que simples expressões de valores pessoais; frequentemente, são o resultado de alianças políticas intencionais entre o populismo secular e a religião conservadora.<sup>60</sup>

58 ROSANVALLON, Pierre. *Les épreuves de la vie: comprendre autrement les Français*. p. 14.

59 ROSANVALLON, Pierre. *Les épreuves de la vie: comprendre autrement les Français*. p. 15.

60 CORRALES, Javier; KIRYK, Jacob. Homophobic Populism. In: *Oxford Research Encyclopedia of Politics*.

A maioria dos grupos religiosos fundamentalistas que formam alianças com movimentos populistas seculares nas Américas e na Europa é composta por evangélicos e católicos fundamentalistas. Na Rússia, eles estão agrupados principalmente sob a Igreja Ortodoxa Cristã Russa. A questão chave é porque o populismo secular precisa ou deseja uma aliança com a religião, e vice-versa.<sup>61</sup>

A aproximação entre o populismo e o cristianismo conservador é melhor compreendida como um “casamento de conveniência” - e inconveniência. Os populistas têm rotas limitadas para a vitória eleitoral. Na maioria das democracias, eles enfrentam dois tipos de oponentes: populistas do outro lado do espectro ideológico e democratas liberais em qualquer lado do espectro esquerda-direita. Este panorama eleitoral limita as rotas disponíveis para as majorias eleitorais. Assim, os populistas precisam de parceiros eleitorais. Os populistas descobrem que o cristianismo conservador compartilha afinidades significativas que podem ser exploradas.

No entanto, como em todas as alianças, os laços com grupos religiosos fundamentalistas podem ter custos para os populistas. Esses custos podem ser menos onerosos para alguns populistas de extrema-direita em comparação com os populistas de esquerda. Observa-se que a nova retórica contra os direitos LGBTI+ em todo o mundo faz parte de um ataque cultural mais amplo - uma resposta às transformações mundiais nas relações de gênero e aos avanços do feminismo.<sup>62</sup>

Os participantes desses movimentos homofóbicos/antifeministas incluem mais do que apenas eleitores religiosos; eles também atraem muitos indivíduos seculares que se sentem ameaçados pelos desafios ao hétero-patriarcado. Aqui não se está a contestar isso. Pelo contrário, enfatiza-se a estratégia deliberada do populismo homofóbico de mobilizar eleitores religiosos. A maneira como os populistas interagem com a religião conservadora ajuda a explicar as diferenças entre os populistas em como eles fazem campanha eleitoral e governam.<sup>63</sup>

Argumenta-se que o surgimento de posturas homofóbicas e transfóbicas entre líderes populistas contemporâneos é um sinal de uma aliança política entre o populismo e a religião. Alguns atores populistas são inerentemente religiosos, e algumas pessoas religiosas são inerentemente populistas. Não se está a negar essa afinidade potencial, mas sim argumentar que mesmo nesses casos, o esforço para manter uma aliança política entre eleitores populistas e eleitores religiosos vem com recompensas e custos; daí o termo, casamento de conveniência e inconveniência. A compreensão dessas recompensas e desses custos é essencial para entender o desempenho eleitoral e político do populismo.<sup>64</sup>

Depois de décadas liderando a luta para expandir os direitos LGBTI+, a Europa e as Américas se tornaram o cenário de uma reação política contra esses ganhos, muitas vezes proveniente do próprio Estado. A maior parte dessa homofobia e transfobia direcionadas pelo Estado é liderada por líderes populistas. No entanto, antes de prosseguir com a análise da

---

2022. Disponível em: <https://doi.org/10.1093/acrefore/9780190228637.013.2080>. Acesso em: 11 fev. 2023. p. 01.

61 CORRALES, Javier; KIRYK, Jacob. Homophobic Populism. p. 01.

62 CORRALES, Javier; KIRYK, Jacob. Homophobic Populism. p. 02.

63 CORRALES, Javier; KIRYK, Jacob. Homophobic Populism. p. 02.

64 CORRALES, Javier; KIRYK, Jacob. Homophobic Populism. p. 02.

temática, importa tecer algumas definições. A homofobia e a transfobia são geralmente definidas como atitudes negativas em relação às pessoas LGBTI+ e suas demandas.<sup>65</sup>

Essas fobias podem ocorrer em três níveis da sociedade: no nível individual ou cultural, no nível institucional e no nível estatal. Além disso, essas fobias podem variar em termos de clareza e intensidade: algumas formas são mais passivas/veladas, outras são mais explícitas e agressivas. Nesse sentido, apresenta-se a Tabela 1, a qual fornece exemplos de atitudes homofóbicas e transfóbicas, desde atitudes mais implícitas até as mais agressivas, nos três níveis da sociedade. Então, ser homofóbico ou transfóbico é adotar qualquer uma dessas seis posições. Ainda, experimentar a reação homofóbica ou transfóbica é adotar repentinamente qualquer uma dessas posições ou mover-se em direção a formas mais explícitas ou agressivas de fobia.<sup>66</sup>

Tabela 2. Homo/Transfobia: Tipos de acordo com os níveis sociais e intensidade

Nível Social	Homo/Transfobia velada/implícita	Homo/Transfobia explícita/agressiva
Individual/Cultural (Ex: expressões artísticas)	Negação (preferir que LGBTI+ não assumam sua identidade e/ou orientação sexual ou preferir que essas pessoas sejam discretas - censura); Aversão com qualquer associação pessoal com pessoas LGBTI+	Ódio (zombaria, rejeição, deturpação intencional, estereotipagem, bullying, difamação, violência) contra pessoas da comunidade LGBTI+
Instituições (Ex: varejistas, empresários, escolas, hospitais, ONGs, conselhos de classe, igrejas, serviço público)	Preconceito enviesado (benefícios de adesão, promoções, aumentos salariais, privilégios, benefícios) acumulam-se principalmente ou desproporcionalmente para indivíduos que se conformam com padrões heteronormativos e cisgêneros	Exclusão (proibir explicitamente pessoas LGBTI+ com base no argumento de que pessoas LGBTI+ ou suas expressões são incompatíveis com os valores de adesão e a missão institucional)

65 CORRALES, Javier; KIRYK, Jacob. Homophobic Populism. p. 03.

66 CORRALES, Javier; KIRYK, Jacob. Homophobic Populism. p. 03.

Nível Social	Homo/Transfobia velada/implícita	Homo/Transfobia explícita/agressiva
Política (Ex: políticos, funcionários públicos, ministros de Estado e juízes)	Negação (ignorar as demandas da comunidade LGBTI+ sob a crença de que pessoas LGBTI+ não enfrentam discriminação ou não têm problemas que exijam atenção imediata)	Obstrucionismo e reversionismo (limitar ou remover os direitos da comunidade LGBTI+ sob a ideia de que os direitos LGBTI+ são prejudiciais aos valores e prioridades nacionais ou locais)

Fonte: CORRALES, Javier; KIRYK, Jacob. *Homophobic Populism*. p. 03

A reintrodução da homofobia no nível do Estado, no contexto das Américas, por exemplo, é um movimento liderado por políticos populistas, como Donald Trump nos Estados Unidos e Jair Bolsonaro no Brasil. Embora Trump tenha se autodenominado pró-LGBTI+ durante a campanha, ele removeu ou bloqueou proteções para a comunidade LGBTI+, incluindo oposição ao Equality Act, uma proposta que estenderia as proteções dos direitos civis para aqueles que não se identificam com a heteronormatividade. A Human Rights Campaign identificou 33 medidas homo e transfóbicas tomadas ou endossadas pela administração Trump.<sup>67</sup>

O populismo homofóbico tem sido uma tendência preocupante em todo o mundo, especialmente nas Américas e na Europa. Não se trata apenas de líderes de extrema-direita, mas também de líderes de esquerda que adotam posturas reacionárias e anti-iluministas em relação aos direitos LGBTI+. Esses líderes muitas vezes são apoiados por grupos religiosos fundamentalistas, o que indica uma aliança entre o populismo secular e o cristianismo conservador.<sup>68</sup>

Os exemplos de líderes que perseguem LGBTI+ incluem Donald Trump nos Estados Unidos, Jair Bolsonaro no Brasil, Viktor Orbán na Hungria, Andrzej Duda na Polônia e Vladimir Putin na Rússia. Populistas de esquerda também adotaram posturas obstrucionistas em relação aos direitos LGBTI+, incluindo Hugo Chávez e Nicolás Maduro na Venezuela, Rafael Correa no Equador, Andrés Manuel López Obrador (AMLO) no México, Daniel Ortega na Nicarágua e Pedro Castillo no Peru.<sup>69</sup>

Esses líderes políticos têm implementado políticas que restringem os direitos LGBTI+, incluindo a reversão ou bloqueio de proteções legais e a promoção do “pânico moral” em relação a questões LGBTI+. A tendência preocupante do populismo homofóbico destaca a necessidade contínua de promover a igualdade e os direitos humanos para todas as pessoas, independentemente da orientação sexual ou identidade de gênero.<sup>70</sup>

O sucesso dos líderes populistas em expandir sua base depende de vários fatores, incluindo as condições socioeconômicas. Em sociedades com altos níveis de pobreza, os populistas de esquerda têm vantagem, enquanto em sociedades com menos pobreza, os populistas de direita

67 CORRALES, Javier; KIRYK, Jacob. *Homophobic Populism*. p. 03.

68 CORRALES, Javier; KIRYK, Jacob. *Homophobic Populism*. p. 04.

69 CORRALES, Javier; KIRYK, Jacob. *Homophobic Populism*. p. 04.

70 CORRALES, Javier; KIRYK, Jacob. *Homophobic Populism*. p. 04.

têm vantagem, especialmente em tempos de insegurança crescente. No entanto, em sociedades ricas, a ansiedade econômica tem ampliado as ansiedades das classes médias, o que pode abrir espaço para a demanda por distribuição econômica e tornar mais difícil para os populistas de direita competir eleitoralmente sem oferecer subsídios tangíveis de bem-estar. Os populistas de direita podem buscar formar laços com a religião como um mecanismo alternativo para expandir e sustentar coalizões eleitorais e governamentais. Por outro lado, os populistas de esquerda podem ter desvantagens eleitorais quando os cidadãos se sentem ameaçados por forças não econômicas.<sup>71</sup>

Os populistas de esquerda que competem eleitoralmente também não estão sem desvantagens eleitorais próprias. Quando os cidadãos se sentem ameaçados por forças não econômicas (por exemplo, mudanças rápidas na cultura, ondas de imigração, aumento do crime, excesso de influências estrangeiras), eles podem não achar que o populismo de esquerda seja a correção adequada para os problemas em questão.<sup>72</sup>

O conservadorismo religioso fornece uma base ideológica que pode ajudar os líderes populistas a conquistar o apoio eleitoral almejado. Isso permite que eles ampliem sua base sem ter que oferecer muitas políticas econômicas. Por sua vez, líderes cristãos fundamentalistas também se beneficiam com a colaboração com os populistas. Eles ganham aliados fortes no poder que podem promover algumas de suas prioridades políticas mais importantes (políticas sociais conservadoras, proteções institucionais e até mesmo subsídios).<sup>73</sup>

O cristianismo conservador, assim como o populismo, percebe os seguidores como o “povo real” em conflito com um “outro” corrupto. A sociedade é partida ao meio e segregada entre os “justos” e os “pecadores”, os “puros” e os “corruptos”, os “renascidos” e os “indiferentes”. Isso torna o conservadorismo religioso compatível com a visão de mundo populista de representar as pessoas moralmente merecedoras. Além disso, os cristãos fundamentalistas não necessariamente acreditam que a autoridade (pelo menos a liderança religiosa) precise ser limitada por limites seculares, pois acreditam que “os líderes estão fazendo o melhor para o povo de Deus, protegendo-os contra ameaças”.<sup>74</sup>

Isso não quer dizer que todas as formas de religião conservadora são compatíveis com todos os aspectos do populismo. Populistas vêm com uma ampla variedade de políticas adicionais e origens que são incompatíveis com o conservadorismo religioso: uma inclinação à desonestidade, desconsideração dos direitos humanos, uso frequente de discurso agressivo e vulgar e pouca atenção à defesa dos valores cristãos tradicionais em suas próprias vidas pessoais e familiares.<sup>75</sup>

Os líderes populistas podem ser muito seculares, muito oportunistas, muito extremos, muito desrespeitosos com as leis e normas para agradar a todos os líderes religiosos fundamentalistas. Além disso, partes do populismo de direita e esquerda conflitam com aspectos do cristianismo conservador. O populismo de esquerda pode confiar demais no Estado, e o populismo de direita pode confiar demais na violência (contra o crime) ou ser muito relaxado em relação aos serviços sociais. Em outras palavras, a religião conservadora e a política populista são compatíveis, mas

71 CORRALES, Javier; KIRYK, Jacob. Homophobic Populism. p. 08.

72 CORRALES, Javier; KIRYK, Jacob. Homophobic Populism. p. 08.

73 CORRALES, Javier; KIRYK, Jacob. Homophobic Populism. p. 08-09.

74 CORRALES, Javier; KIRYK, Jacob. Homophobic Populism. p. 09.

75 CORRALES, Javier; KIRYK, Jacob. Homophobic Populism. p. 09.

não perfeitamente. Os populistas, portanto, precisam fazer um esforço extra para conquistar os fundamentalistas religiosos como aliados.<sup>76</sup>

Especificamente, o cristianismo conservador se tornou obcecado pelo que chama de “ideologia de gênero”. Originalmente cunhado por católicos fundamentalistas, a ideologia de gênero é o termo usado pelos cristãos fundamentalistas para descrever qualquer movimento que promova sexualidades e expressões de gênero não heteronormativas. O uso do termo “ideologia” é intencional, pois é uma forma de transmitir que esses movimentos promovem crenças, em vez de ciência, e, portanto, podem ser rejeitados da mesma forma que qualquer ideia em uma democracia. Igualmente importante é o uso do termo “gênero”, que para muitos fundamentalistas se tornou sinônimo de todas as formas imaginadas e indesejadas de “infiltrações do corpo nacional” assim como os populistas pensam em infiltrações ameaçadoras da política nacional, como migrantes, importações, globalização e tecnocratas.<sup>77</sup>

Os cristãos fundamentalistas exigem dos populistas seculares a rejeição da ideologia de gênero. Os populistas muitas vezes concordam, adotando com prazer o papel de cruzados culturais e legislativos dispostos a lutar contra o feminismo secular contestatório, tudo em defesa dos valores cristãos da família. Ao abraçar essa missão, os populistas estimam que correm o risco de alienar apenas uma minoria (a comunidade pró-LGBTQ) enquanto ganham uma base muito maior e nova: a comunidade cristã “em guerra”.<sup>78</sup>

A “comunidade cristã em guerra” se refere à crença dos cristãos fundamentalistas de que suas posições estão sob ameaça em uma sociedade cada vez mais secularizada. Muitos cristãos fundamentalistas se veem como o grupo discriminado, como “uma minoria desarmada lutando corajosamente contra poderes externos”. À medida que os evangélicos veem suas prioridades políticas sendo derrotadas e a população secular se expandindo, eles se tornam propensos à ideia compatível com o populismo de que estão sendo “fraudados” de sua influência pelos “outros errados”, que para os evangélicos é composto principalmente por pecadores.<sup>79</sup>

Assim, os populistas que procuram preencher sua casca ideológica vazia podem encontrar ajuda ideológica no cristianismo conservador. E para ser bem-sucedido no mercado político competitivo, “o populismo tem que validar seu moralismo e adotar um conteúdo ético para motivar, justificar e tornar sua ideologia fina densa”. Ao se associar com a religião, o populismo pode fazer exatamente isso: transitar de um movimento fino para uma fórmula política substancial e poderosa a um custo mais baixo.<sup>80</sup>

## 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Não há dúvida de que todos os líderes populistas LGBTIfóbicos referidos neste artigo podem muito bem estar a promover a LGBTIfobia dirigida pelo Estado por convicção pessoal. Todas as formas de LGBTIfobia são genuínas. No entanto, ao longo desta pesquisa, revelou-se que o populismo LGBTIfóbico é também o resultado de um esforço deliberado para cortejar o

76 CORRALES, Javier; KIRYK, Jacob. Homophobic Populism. p. 09.

77 CORRALES, Javier; KIRYK, Jacob. Homophobic Populism. p. 10.

78 CORRALES, Javier; KIRYK, Jacob. Homophobic Populism. p. 10.

79 CORRALES, Javier; KIRYK, Jacob. Homophobic Populism. p. 10.

80 CORRALES, Javier; KIRYK, Jacob. Homophobic Populism. p. 10.

clero fundamentalista e os eleitores religiosos. O populismo LGBTIfóbico pode ser estratégico, mesmo que também seja pessoal.

O fundamentalismo religioso e o populismo praticado pela extrema-direita não são inteiramente compatíveis (por exemplo, entram muitas vezes em conflito em questões de direitos humanos e de respeito pelo Estado de direito), mas partilham uma série de afinidades ideológicas (como o antagonismo binário entre pessoas virtuosas e elites pecadoras, o desejo de servir as comunidades), a aversão a aspectos da democracia liberal (como o questionamento da autoridade, a tolerância pelo pluralismo, a separação entre a Igreja e o Estado). Estas preferências partilhadas tornam viáveis as alianças entre eles.

Partilham também certas necessidades políticas, considerando que, há uma tendência cada vez mais evidente de que o fundamentalismo religioso tem sede de poder e deseja ocupar um espaço político mais vasto e envolver o Estado na promoção do conservadorismo social num mundo em que vê o secularismo a avançar.

Os populistas de extrema-direita, por outro lado, precisam dos eleitores religiosos conservadores porque também enfrentam obstáculos na construção de maiorias com a sua agenda anti-pluralista, que afasta os populistas do outro lado do espectro ideológico e os democratas liberais de ambos os lados do espectro esquerda-direita. Devido à afinidade ideológica e às necessidades mútuas, o fundamentalismo religioso e o populismo de extrema-direita podem facilmente formar casamentos políticos de conveniência.

Para os fundamentalistas religiosos, é mais fácil formar alianças com os populistas de extrema-direita. Estas alianças são condicionadas pela expectativa de que o líder populista apoie uma forte plataforma de valores familiares, parte da qual se traduz numa agressiva agenda anti-LGBTI+. Ao mesmo tempo em que os políticos de extrema-direita consideram frequentemente este conservadorismo social apelativo.

## REFERÊNCIAS

CARVALHO, Bernardo Leandro Costa; ROCHA, Leonel Severo. **Constitucionalismo Intersistêmico: sistemas sociais e constituição em rede**. Editora Dom Modesto: Blumenau, 2023.

CORRALES, Javier; KIRYK, Jacob. Homophobic Populism. In: **Oxford Research Encyclopedia of Politics**. 2022. Disponível em: <https://doi.org/10.1093/acrefore/9780190228637.013.2080>. Acesso em: 11 fev. 2023.

DIL, Gabriel; MOURA, Ariel Augusto Lira; COSTA, Bernardo Leandro Carvalho. Explorando o paradoxo da migração LGBTI+. **Revista Direito Culturais - URI** Santo Ângelo, v. 18, p. 81-96, 2024.

DIL, Gabriel; COSTA, Bernardo Leandro Carvalho. A subcidadania LGBTI+ nos desastres ambientais e a força integrativa da exclusão. **CONPEDI Law Review**, v. 9, p. 278, 2023. Disponível em: [https://www.academia.edu/111518408/A\\_SUBCIDADANIA\\_LGBTI\\_NOS\\_DESASTRES\\_AMBIENTAIS\\_E\\_A\\_FOR%C3%87A\\_INTEGRATIVA\\_DA\\_EXCLUS%C3%83O](https://www.academia.edu/111518408/A_SUBCIDADANIA_LGBTI_NOS_DESASTRES_AMBIENTAIS_E_A_FOR%C3%87A_INTEGRATIVA_DA_EXCLUS%C3%83O). Acesso em: 25 mar. 2024.

LACLAU, Ernesto. Populism: What's in a Name. **Populism and the Mirror of Democracy**, 2005.

LYNCH, Christian; CASSIMIRO, Paulo Henrique. **O populismo reacionário: ascensão e legado do bolsonarismo**. São Paulo, SP: Editora Contracorrente, 2022.

MOUFFE, Chantal. **For a Left Populism**. London: Verso. 2018.

ROCHA, Leonel Severo; DIL, Gabriel. The construction of the AIDS epidemic as a gay cancer by the media. **Revista Justiça do Direito**, v. 36, p. 231-255, 2022. Disponível em: [https://www.academia.edu/91399151/The\\_construction\\_of\\_the\\_AIDS\\_epidemic\\_as\\_a\\_gay\\_cancer\\_by\\_the\\_media](https://www.academia.edu/91399151/The_construction_of_the_AIDS_epidemic_as_a_gay_cancer_by_the_media). Acesso em: 25 mar. 2024.

ROSANVALLON, Pierre. **El siglo del populismo: Historia, teoría, crítica**. Traducción de Irene Agoff. Barcelona: Editora Galaxia Gutenberg, 2020.

ROSANVALLON, Pierre. **Les épreuves de la vie: comprendre autrement les Français**. Paris: Editora Seul, 2021. Edição via Kindle.

SCHMITT, Carl. **The Concept of Political**. Trad. George Schwab. Chicago: Chicago University Press, 2007.